

História

Homenagem à minha Mãe

História completa

Maria Feldman nasceu em 1894 em Proskurov, uma pequena cidade da Ucrânia. Muito cedo perdeu o pai e a companhia dos irmãos mais velhos, que emigraram para os Estados Unidos. Um deles, no entanto, veio para o Brasil, precisamente para o Recife, de onde enviou as passagens para a família. E assim, em 1910, Maria embarcou para Pernambuco, com a mãe e duas irmãs. Um surto de febre amarela impediu que o navio atracasse em Recife. A viagem acabaria se estendendo até Buenos Aires, onde ficariam por algum tempo. Não muito, mas o suficiente para que Maria, não mais uma menina, conhecesse Leon Volfzon, o homem com quem se casaria e em seguida viria morar em Recife, com a mãe e as irmãs, em 1912. As tão esperadas passagens para os Estados Unidos vieram, mas junto com elas também a primeira gravidez. Leon prometera à Maria que partiriam logo depois que a criança nascesse. Mas logo depois, na verdade, vieram outras crianças e a viagem, sempre adiada, acabaria nunca acontecendo. Maria matava por correspondência a saudade dos familiares distantes. Mas as cartas vindas da América iam escasseando com o passar dos anos. Longe de seus olhos, muitos foram morrendo. Aos poucos, então, sua família acabaria se resumindo ao marido Leon e aos nove filhos, dois adotados. Uma família a quem ela se dedicava totalmente. Para facilitar o dia a dia, volta e meia meu pai trazia da rua uma peça de tecido. Dali saíam as roupas dos meninos ou vestidos invariavelmente iguais para as meninas. Assim saíamos para a rua. Nós, meninas, contávamos ainda com o retoque final de enormes laços de fita nos cabelos. Apesar de não ter podido estudar - na Europa Oriental poucos iam a escola e menos ainda mulheres, minha mãe sempre incentivou que os filhos estudassem. As meninas tinham também aulas de piano. Ela própria estudava português, sempre à tarde, com uma professora particular. Fazia isso, segundo dizia, para poder ler a carta dos filhos, quando esses saíssem de casa. Em 1928, a vida se tornaria mais difícil. Deixamos a casa confortável do Recife e partimos para Natal, no Rio Grande do Norte. A nova casa era feia, a rua mais feia ainda. Nós, as crianças, estranhávamos a mudança, enquanto minha mãe, se tinha queixas, sabia guardá-las para si. Calma e generosa, ela não reclamava de nada. Nem mesmo de ter que ir ao mercado fazer as compras todos os dias, pois não existia geladeira. E lá ia ela fazer as compras diárias, usando sempre um chapéu. Nas décadas de 30 e 40, o uso de chapéu era muito comum entre as mulheres, mas, para os nossos olhos orgulhosos de filhos, servia para deixá-la sempre arrumada e bonita. Minha mãe sonhava escrever um livro sobre sua família e sobre o orgulho de ter criado seus filhos com saúde e boa educação. Não conseguiu concretizar esse desejo, que tento em parte realizar por ela com esse relato. Faço-o na condição de filha, hoje com quase 80 anos, para prestar-lhe também uma justa homenagem. Obrigada, Dona Maria, minha querida